

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

TAÍNE DA ROSA BERTAN

**DIÁLOGOS ENTRE HYLAS E PHILONOUS: IMATERIALISMO E DEUS EM
BERKELEY**

**CHAPECÓ
2023**

TAÍNE DA ROSA BERTAN

**DÍALOGOS ENTRE HYLAS E PHILONOUS: IMATERIALISMO E DEUS EM
BERKELEY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduação de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann

CHAPECÓ

2023

TAÍNE DA ROSA BERTAN

**DIÁLOGOS ENTRE HYLAS E PHILONOUS: IMATERIALISMO E DEUS EM
BERKELEY**

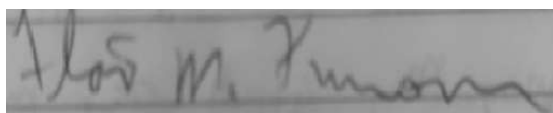
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Professor de Filosofia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 17/10/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ediovani Antônio Gaboardi



Prof. Dr. Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann

gov.br

Documento assinado digitalmente

NEWTON MARQUES PERON

Data: 17/10/2023 16:51:07-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Newton Marques Peron

Dedico este trabalho aos meus pais, Aldoir e Rosi, e seus gloriosos princípios, pelo incentivo, por acreditarem no mundo, na educação e por tornarem esse momento possível desde suas primeiras reivindicações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Flávio, que foi uma figura extremamente importante na elaboração desse trabalho, por ter acreditado em mim e por ter me feito acreditar também!

Aos meus queridos amigos do trabalho, pelo tempo e pela compreensão de quando não pude estar presente, obrigada por confiarem em mim como confio em vocês!

A todos os meus amigos e família que me acompanharam nesses anos de graduação e me fizeram companhia, tanto de longe quanto de perto!

E ao meu querido amor Ian, por todo o apoio e companheirismo, obrigada pelo abrigo!

“Não obstante, sei que eu, que sou um espírito ou substância pensante, existo tão certamente quanto sei que minhas ideias existem.”

BERKELEY, 2008.

RESUMO

George Berkeley ficou conhecido principalmente pela sua tese “ser é ser percebido”. Defendeu que tudo que existe depende de uma mente para existir ou é uma mente e que a matéria é inexistente. No livro intitulado *Três diálogos entre Hylas e Philonous*, publicado em 1713, Berkeley tece suas críticas aos oponentes desta tese e desenvolve a sua filosofia imaterialista.

Berkeley rejeita a existência de um mundo externo e independente das mentes argumentando que todas as ideias presentes na mente dos espíritos são ideias da mente de Deus. Ou seja, a realidade consiste em ideias percebidas por uma mente. Para o autor, os espíritos finitos não podem compreender a grandeza de Deus devido às suas faculdades limitadas. Berkeley baseia toda a sua tese na confiança nos sentidos e defende que as coisas reais são aquelas que podem ser percebidas diretamente pelos sentidos.

Para Berkeley, as percepções são a base do conhecimento humano, considerando a crença nos sentidos de acordo com o senso comum. Além disso, o autor não aceita a crença na matéria como substância independente, argumentando que não é possível apreender essa substância pela mente menos ainda supor que ela esteja acima de Deus.

Entre os importantes pontos destacados nestes diálogos, entra também a discussão sobre linguagem, Berkeley entende que os seres humanos combinam conceitos para se comunicar entre si e assim facilitar o entendimento a respeito dos objetos sensíveis.

Todas essas discussões se estruturam em formato de diálogo na obra, por parte de Hylas que contesta as alegações de Philonous (representante dos interesses de Berkeley). Conforme os diálogos vão se encaminhando para o fim, Hylas reconhece a razoabilidade dos argumentos elaborados por Philonous no que diz respeito à negação da matéria, existência de Deus e linguagem.

A estrutura desse trabalho conta com o primeiro capítulo, referente à contextualização do período e da filosofia de Berkeley, o segundo capítulo sobre o imaterialismo, o terceiro capítulo sobre Deus e, por fim, o quarto capítulo apontamentos sobre o terceiro diálogo, incluindo discussões sobre a linguagem.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	10
1. O CONTEXTO DA FILOSOFIA DE BERKELEY.....	11
2. PRIMEIRO DIÁLOGO: SOBRE O IMATERIALISMO.....	16
3. SEGUNDO DIÁLOGO: SOBRE DEUS.....	22
4. TERCEIRO DIÁLOGO: APONTAMENTOS.....	31
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Ao final do século XVII, mais especificamente em março de 1685, nasceu o filósofo irlandês George Berkeley. Uma de suas principais contribuições para o campo da filosofia e da ciência foi o conceito de imaterialismo, um conceito amplamente discutido e argumentado pelo autor. Essa teoria diz respeito à recusa da existência de uma substância material, sustentando que os objetos não passam de ideias presentes na mente. Como resultado disso, os objetos não podem existir a menos que sejam percebidos. Além desse ponto importante da filosofia do autor se desenrolam outros assuntos que serão desenvolvidos aqui, entre eles a existência de Deus, o conceito de espíritos finitos e a linguagem. Após a má repercussão do *Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano*, publicada em 1710, em 1713 Berkeley reescreve sua obra em forma de diálogo sob o título *Três diálogos entre Hylas e Philonous*. Os diálogos serão a obra de apoio utilizada para debater as grandes questões que surgem nesta teoria, contando com os personagens *Hylas* e *Philonous* (representante de Berkeley). Os personagens se envolvem numa constante argumentação sobre a inexistência da matéria que se desdobra conforme *Philonous* questiona e pontua as crenças de *Hylas*. Dessa forma, o diálogo se constrói em cima da retórica entre Berkeley e seus oponentes, destacando-se entre eles John Locke (1632 – 1704).

O objetivo desse estudo é compreender as nuances da teoria de Berkeley, contextualizando o período em que ela surge e explorando os diálogos a fim de compreender mais sobre essa grande figura.

1. O CONTEXTO DA FILOSOFIA DE BERKELEY

Perto do fim do século XVII, nasceu o filósofo George Berkeley, que mais tarde fez oposição à grande maioria dos pensadores deste século. Foi também nesse período que deu início à ciência experimental moderna. Galileu foi um dos pioneiros na aplicação do método científico à mecânica, após estabelecer os principais princípios da Estática e dar início à Dinâmica, que foram dois principais ramos da ciência da mecânica, amplamente negligenciados, ao final do século. E que, mais tarde, conduziu a uma perfeição: a afirmação das leis do movimento e a lei da gravitação universal de Kepler, que durante os dois séculos seguintes pareceu ser definitiva. Além disso, Galileu desenvolveu o microscópio e o telescópio neste mesmo período, o que foi crucial para o estudo das distantes e pequenas coisas, realizando experimentos controlados para o estudo do movimento dos corpos.

Quando Berkeley estava entre seus vinte e trinta anos, não se sabe ao certo se neste ou em um momento anterior, teve sua grande inspiração metafísica. Inspiração essa que a ele pareceu, após sua reflexão, ser extremamente evidente. Essa teoria lhe serviu como base para extrair respostas aos problemas metafísicos pendentes. A intenção era eliminar a ameaça que o ceticismo e ateísmo representavam¹, o que, de certa forma, também mantinha o que o senso comum e a religião cristã defendem. Essa teoria é a de que o conceito de matéria não existe, como se tratasse de algo supérfluo e ininteligível.

Os principais alvos de Berkeley foram Newton e Locke. Sua adversidade ocorreu devido ao fato de ele rejeitar um elemento principal das concepções desses dois autores: a matéria. Berkeley defendia que as ideias, que são caracterizadas por tudo o que é sensível ou imaginável², são os únicos objetos da mente dos espíritos finitos (seres humanos) e que a matéria é ininteligível. Os defensores da matéria a definem como algo que não possui cor, temperatura, cheiro, entre outras características, Berkeley concluiu, assim, que imaginá-la é impossível, já que ela não possui nenhuma “qualidade secundária”.

A teoria das qualidades primárias e secundárias surgiu como parte de discussões filosóficas sobre a natureza e a realidade, e a relação entre os objetos e as experiências sensoriais. A distinção entre essas qualidades foi uma questão central para muitos pensadores na tentativa de compreender a natureza da experiência perceptiva e a relação entre o mundo objetivo e a percepção deste. Qualidades primárias são consideradas características intrínsecas

¹Ver Urmson, J. O. 1989, p. 5

²Tudo que é sensível é imaginável.

dos objetos como tamanho, forma, massa e movimento, enquanto as qualidades secundárias representam características subjetivas como cor, sabor, som, odor. Apesar de ela ser popularmente conhecida como uma filosofia lockeana, devido à cronologia indicada provavelmente essa discussão contou com contribuições de Galileu, Boyle, Descartes, Newton, Locke e Berkeley. Locke desenvolve a filosofia da seguinte forma:

Locke enumera as qualidades que são “absolutamente inseparáveis dos corpos” como sendo a solidez, a extensão, a figura, o movimento ou o repouso, e o número. Sua noção de solidez é obscura, mas a interpretação mais favorável dela é como a ocupação exclusiva de uma determinada parte do espaço. Estas qualidades ele as chama de primárias. Como os outros filósofos cujas opiniões nós citamos, ele não considera que cor, calor, frio, sabor, etc., são qualidades reais dos corpos, mas sensações produzidas em nós pelos corpos. Assim, ele define as qualidades secundárias como sendo “certas qualidades, as quais na verdade não são nada nos próprios objetos, senão poderes para produzir várias sensações em nós por meio de suas qualidades primárias, isto é, pelo tamanho, figura, textura e movimento de suas partes insensíveis, como cores, sons, sabores, etc.”. Locke, portanto, define claramente as qualidades secundárias como poderes para produzir sensações em nós, não como sendo as sensações deste modo produzidas; mas o próprio Locke, ocasionalmente, e Berkeley juntamente com a maioria dos comentaristas posteriores, regularmente, afasta-se desta terminologia e chama as cores, os sabores, os cheiros etc., eles mesmos, de qualidades secundárias. (URMSON, 1989, p. 15 – 16)

Ao pontuar que qualidades primárias complementam os corpos, Locke parece dizer duas coisas. A primeira é que essas qualidades definem o corpo – o que não as tem, não é considerado corpo. Concebe-se, além disso que alguns corpos podem não ter cor, sabor, cheiro entre outras qualidades, mas um corpo que não esteja em repouso ou movimento, sem forma e sem extensão, é considerada uma contradição. A segunda é que nada que possua essas propriedades pode deixar de possuí-las. Assim, as qualidades primárias são inseparáveis dos corpos pois permanecem inalteráveis mesmo sofrendo determinadas mudanças, são percebidas pelos sentidos em toda partícula de matéria que tenha volume suficiente para ser percebida (ZATERKA, 2006, p. 62). Já as secundárias não são, visto que podem haver corpos sem o poder de causar qualquer sensação que seja parte das qualidades secundárias.

Locke, assim como outros defensores da filosofia corpuscular, sustenta que sensações causadas tanto pelas qualidades primárias quanto pelas secundárias. Ocorrem devido ao impacto de átomos insensíveis sobre os órgãos dos sentidos. Os movimentos gerados por conta deste processo. São transmitidos pelos nervos do cérebro, e é a isso que chamamos ideias.

De fato, Berkeley e Locke sustentam que o conhecimento humano se refere a ideias e não a fatos. A posição de Locke ao apresentar sua teoria dualista é a de que algumas ideias são

efeito de coisas externas (qualidades primárias) e outras não (secundárias), o que faz com que as primeiras pressuporiam a existência de algo exterior, fora dos espíritos, um mundo composto de matéria. O que é totalmente oposto à defesa berkeleyana: que essa concepção é inaceitável e que só pode existir aquilo que é percebido, já que não temos acesso à matéria.

Não é possível perceber, qualquer que seja o objeto, se ele é dotado somente de qualidades primárias, menos ainda imaginá-lo. É exatamente isso que se supõe sobre a matéria, o que leva Berkeley a defender que não se pode ter nenhuma ideia dela, logo, ela não pode ser um objeto da mente, visto que é impensável, não sendo possível associar a essa palavra qualquer significado. A matéria, segundo o autor, se trata de uma causa imperceptível de ideias perceptíveis. Além disso, se trata de algo supérfluo e perigoso, visto que não se pode conceber algo do nada.

As ideias provêm dos sentidos; logo, são sensações. Assim, para os seres humanos não há nada fora da mente. O espírito não percebe nada além das ideias das coisas e só pode conhecer mediante os sentidos. O objetivo do autor é demonstrar que tudo é resultado da experiência, através das percepções, isto é, só se pode apontar uma existência se ela for percebida pelos sentidos e, assim sendo, o que não é percebido pelos sentidos não existe. Daí a crítica aos materialistas e também à Locke, uma vez que a afirmação deste era a de que tendo a experiência de algo, a ideia estaria fixa na mente e não somente no objeto. Por fim, a certeza de se chegar ao conhecimento através da experiência sensorial é garantida por Deus.

Além disso, a filosofia moderna ou filosofia corpuscular como nomeadas à época dizem respeito à antiga hipótese atomista de Demócrito e Epicuro, e sua ontologia dos átomos e do vazio ganhou bastante força através de Gassendi (1592 – 1655), então “os eruditos clássicos, os astrônomos e factótuns intelectuais em geral” (URMSON, 1989, p. 7).

O entusiasmo por ela abriu caminho até mesmo através de um relatório ao governo puritano do protetorado sobre o estado das universidades inglesas; em seu Examination of Academies John Webster escreveu em 1654: “O que eu diria da filosofia epicurista, trazida à tona, ilustrada e completada pelo trabalho desse grande erudito Pierre Gassendi? Certamente, se ela for examinada corretamente demonstrará ser uma opinião mais perfeita e sólida que qualquer uma que as escolas jamais tiveram ou seguirem”. Embora Descartes e seus seguidores não pudessem aceitar o vazio, eles entusiasticamente subscreveram o ideal de explicação mecanicista, e um católico eclético como Sir Kenelm Digby escreveria que tudo poderia ser explicado por meio de partículas “atuando pelo movimento local. (URMSON, 1989, p. 7)

Foi essa filosofia moderna que se tornou o fundamento teórico da ciência na Inglaterra, o que demonstra a realidade da época e pode ser reiterado com o título do livro, publicado em

1664, por Henry Power, doutor em medicina, *Experimental Philosophy in Three Books, containing New Experiments Microscopical, Mercurial, Magnetical with some deductions and probable Hypotheses raised from them in avouchment and illustration of the now famous Atomical Hypothesis*³. O que Power chamou de *hipótese atômica* nada mais é do que a teoria grega antiga sendo revivida, o que seus principais defensores confirmam. Ela se torna aqui pertinente, dado o fato de que ela é um dos principais alvos de Berkeley, como bem observado por Urmson (1989, p. 8), e que foi por ele considerada a fonte de todos os erros.

A filosofia corpuscular defende que o mundo é feito de átomos em movimento num vazio infinito. A tese sobre os átomos defendia que eles também se moviam em tempo infinito; porém, devido à forte influência da igreja e dos filósofos cristãos do século XVII, foi definido que os átomos foram criados por Deus e colocados em movimento por Ele, como bem colocado por Urmson em *Berkeley*. Newton, ao escrever *Óptica*, declara que “parece provável que Deus, no início, formou a matéria em partículas sólidas, compactas, duras, impenetráveis, móveis, de determinados tamanhos e formas, e com essas e outras propriedades, e em tal proporção com o espaço quanto mais condizentes com o fim para os quais Ele as formou” (idem p. 8 – 9).

Esses átomos foram considerados de formas e tamanhos distintos, assim como características diversas, sólidos, indestrutíveis e em movimento. A questão é que não existe nenhuma outra propriedade nos átomos, ou seja, Deus não os dotou com mais nada. A concepção de ideias secundárias possui raízes antigas, como em um dos poucos fragmentos científicos de Demócrito: “Quente e frio são aparências, doce e amargo são aparências, a cor é aparência; na realidade existem os átomos e o vazio” (Urmson, 1989, p. 9). Essa afirmação, como pontuado por Urmson, é atribuída a Demócrito. Sua abordagem precursora das aparências e da realidade é uma parte fundamental de sua teoria atomista. Além disso, essa premissa foi muito bem-aceita pelos cientistas do século XVII. Urmson também declara que “a filosofia corpuscular é uma teoria do puro mecanicismo”.

Tudo deve ser explicado em termos da forma, tamanho, massa e movimento das partículas e de seu impacto umas sobre as outras; em outras palavras, a explicação mecânica é a única forma aceitável de explicação científica. O impacto era a única maneira de se conceber como alguma coisa poderia agir sobre alguma outra coisa diferente. Todos concordavam com isso; assim Locke, no Livro II de seu Ensaio sobre o entendimento humano, falou de “impulso, a única maneira que podemos conceber os corpos operando”, e até mesmo o arqui-racionalista Leibniz (1646-1716), comentando esta passagem de Locke, afirma: “Eu também sou da opinião de

3Tradução: Filosofia experimental em três livros, contendo novos experimentos microscópicos, mercuriais, magnéticos com algumas deduções e hipóteses prováveis levantadas a partir deles em corroboração e ilustração da agora famosa hipótese atômica. Pode ser verificado em (URMSON, 1989, p. 8)

que os corpos agem apenas por impulso.” Assim, o que era explicável devia em última instância ser explicado mecanicamente; o que não podia ser assim explicado não era cientificamente explicável de modo algum e tinha de ser atribuído aos decretos diretos de Deus. (Idem, Urson, 1989, p. 9 – 10)

A essa altura, já se reconhecia que o magnetismo, a gravidade eram difíceis de explicar de forma mecânica. Newton declarou sobre a gravidade, “que por ela não quer dizer nada além do fenômeno observado” idem (Urson, 1989, p. 10), o que não oferece explicação nenhuma a este fenômeno. A força da gravidade ser uma explicação para o movimento soaria, para Newton, como uma das qualidades ocultas que o século XVII ridicularizou.

Galileu, estando de acordo com fragmentos de Demócrito, disse que “os sabores, odores, cores e etc. não são mais que meros nomes no que diz respeito aos objetos em que os colocamos, e residem apenas na consciência, o que significa que se os seres vivos forem aniquilados, todas essas qualidades também seriam” Urson, (1989, p. 11). Essa opinião também foi expressada por Newton em *Óptica, livro I, parte II*, e por Boyle na monografia intitulada “*A origem das Formas e Qualidades*” (1666).

Após essa breve contextualização da época, se faz importante um contexto geral da obra de Berkeley, intitulada *Três diálogos entre Hylas e Philonous*, que será abordada nesse trabalho. Trata-se de uma obra escrita em 1713, sobre metafísica e imaterialismo, que toma a forma de um diálogo entre Hylas, do grego “hyle” que significa matéria, e Philonous, também do grego, que significa “amante da mente”. O significado desses nomes caracteriza muito bem o diálogo elaborado por Berkeley.

2. PRIMEIRO DIÁLOGO: SOBRE O IMATERIALISMO

O primeiro dos *Três diálogos entre Hylas e Philonous*, escrito por Berkeley, possui como pano de fundo o problema central da filosofia do autor: atacar o ceticismo. Desta forma, por meio de Philonous, Berkeley desenvolve seu primeiro argumento: a negação da matéria. Ou seja, a premissa de que a substância material não existe. A concepção imaterialista fugiria de qualquer argumento cético, isso devido ao fato de que aquele, por conseguinte, que não tiver nenhuma dúvida sobre certa questão particular, no tocante a esse assunto, não pode ser considerado cético (BERKELEY, 2008, p. 178).

Inicialmente, Berkeley questiona se apenas coisas percebidas pelos sentidos são percebidas imediatamente ou seriam também as coisas percebidas mediatamente. Isso devido ao fato de noções como verdade, virtude e até mesmo a própria noção de Deus não serem percebidas de imediato, através dos sentidos. Também é importante lembrar que noções matemáticas são noções intelectuais universais que independem da matéria. Logo, negar a existência da substância material não implica na negação de outras ideias.

Phil. Ao ler um livro, o que imediatamente percebo são as letras, mas mediadamente, ou por meio destas, são sugeridas à minha mente as noções de Deus, virtude, verdade etc. Ora, não há nenhuma dúvida de que as letras são realmente coisas sensíveis ou percebidas pelos sentidos, mas gostaria de saber se você considera que as noções sugeridas pelas letras também são sensíveis. (BERKELEY, 2008, p. 179-180)

Por coisas sensíveis entende-se: somente aquilo que pode ser percebido imediatamente por meio dos sentidos. Desta forma, Berkeley argumenta contra a existência de ideias abstratas presentes na filosofia de Locke, afirmando que não se pode conceber algo do nada, ideias são sensações e elas provêm dos sentidos humanos. Assim, a filosofia de Berkeley procura demonstrar que as qualidades primárias e secundárias dos objetos são características que só existem na mente. No que corresponde às ideias abstratas, Berkeley diz:

Phil. Reconheço, Hylas, que não é difícil formar proposições e raciocínios gerais sobre essas qualidades sem mencionar nenhuma outra; e nesse sentido considerá-las ou tratá-las abstratamente. Mas como sucede que, em virtude de eu pronunciar a palavra *movimento* por si só, eu possa formar a ideia de movimento na minha mente, sem um corpo? Ou pela razão de que teoremas podem ser feitos a partir de extensão, sem nenhum tamanho ou figura particular, ou qualidade sensível, seja formada diversamente e compreendida pela mente? Os matemáticos tratam da quantidade sem considerar que outras qualidades sensíveis estão ligadas a ela, como se fossem completamente indiferentes às suas demonstrações. Mas quando, deixando de lado as palavras, eles contemplam as simples ideias, acredito que, você concordará, elas não são ideias puras e abstratas de extensão. (BERKELEY, 2008, p. 208)

Na sequência, vejamos o exemplo: o calor, de fato, é uma coisa sensível e pode ser percebido quando nos aproximamos do fogo; porém, quando fazemos esse movimento de nos aproximarmos do fogo, dependendo de sua intensidade, ele pode resultar em calor ou pode resultar em queimaduras e, conseqüentemente, em dor. Logo, a interação com o fogo pode ser tanto prazerosa quanto dolorosa. E como essa sensação não depende do fogo, visto que a única figura presente que possa distinguir entre dor e prazer é uma mente, o autor conclui que não podem existir objetos, a menos que uma mente exista.

Phil. Quando um alfinete fura seu dedo, ele não lacera e corta as fibras de sua carne?

Hyl. Sim.

Phil. E quando uma brasa queima seu dedo, faz algo muito diferente disso?

Hyl. Não faz.

Phil. Uma vez que, portanto, você não julga que a sensação ocasionada pelo alfinete, nem qualquer coisa semelhante a ela, está no próprio alfinete, você não deveria admitir, julgar que a sensação ocasionada pelo fogo, ou por qualquer coisa semelhante a ela, está no próprio fogo. (BERKELEY, 2008, p. 187)

Ainda que possa parecer estranho alegar que o calor não existe no fogo, bem como dor na ponta do alfinete, ao perfurar a pele, devemos considerar que as sensações não são iguais para todos os indivíduos. Nessa mesma lógica, podemos analisar o sabor dos alimentos. Se pensarmos, por exemplo, num grupo de pessoas provando a mesma comida, ele perceberá o seu sabor de forma diferente, como o caso do coentro, que é um tempero amado por uns e odiado por outros. A grande questão para o autor é que o sabor não é uma propriedade do alimento, mas de uma mente pensante que se alimenta, por esse motivo pode ser apreciado ou não, dependendo do paladar em questão.

Esse mesmo argumento pode ser utilizado para os demais sentidos. Vamos começar com o olfato: os odores podem ser sensações agradáveis ou desagradáveis, mas eles existem em algo que pode ser percebido. Por exemplo, num chiqueiro de porcos, que exala odores de fezes, lavagem e ração, não se pode acreditar que os animais irracionais que vivem sob esse regime possam ser afetados por esse odor da mesma forma que os seres humanos. Logo, conclui-se que essas sensações não podem existir em outro lugar que não seja uma mente que o perceba.

Quanto à visão, o argumento se refere ao fato de que as cores dos objetos não podem, de forma alguma, ser uma característica do objeto, visto que, durante o dia, dependendo do horário, enxergamos uma cor, e à noite temos outro resultado, pois a luminosidade interfere no objeto e este se apresenta ao olho em outro tom. Por exemplo, quando acordamos de madrugada e atravessamos a casa para beber um copo d'água, sem ligar a lâmpada, a casa se

diferencia entre tons mais claros e escuros de preto e, durante a manhã, quando a claridade invade a casa temos um resultado diferente, observando os objetos agora com cores mais vivas e perceptíveis. Isso também ocorre com o vidro do prisma, que apresenta mais de um reflexo de coloração, como explica Philonous:

Phil. Não haverá nenhuma dúvida sobre isso se considerarmos que, caso as cores fossem propriedades ou qualidades reais inerentes aos corpos externos, elas não admitiriam nenhuma alteração sem alguma mudança equivalente nos próprios corpos. Mas é evidente, segundo o que foi dito, que por meio do uso de microscópios, mediante uma mudança ocorrida no humor vítreo ou uma variação da distância, sem nenhum tipo de alteração real na própria coisa, as cores de um objeto mudam ou desaparecem totalmente? Mais ainda, permanecendo todas as demais circunstâncias idênticas, mude-se apenas a localização de alguns objetos e eles apresentarão diferentes cores aos olhos. A mesma coisa acontece ao ver um objeto sob diferentes graus de luz. E o que é mais conhecido do que os mesmos corpos parecerem ter cores diferentes à luz de vela e à luz do dia? Acrescente a isso o experimento de um prisma, o qual, separando os raios heterogêneos da luz, altera a cor de qualquer objeto e fará o branco parecer azul ou vermelho-escuro a olho nu. E agora me responda se você ainda mantém a opinião de que todo corpo tem sua cor real e verdadeira inerente nele. E, se você pensa que tem, gostaria que me dissesse qual a distância e a posição certas do objeto, qual a textura peculiar e a formação do olho, que grau ou tipo de luminosidade é necessário para determinar a verdadeira cor e distingui-la das cores aparentes. (BERKELEY, 2008, p. 197)

Neste primeiro momento, Berkeley evidencia as controvérsias nas qualidades secundárias, considerando que cores, sabores, sons, gostos e tudo que seja considerado uma sensação do corpo e envolva os cinco sentidos, não existem em nenhum objeto, mas estão presentes na mente. Isso porque essas sensações podem ser subjetivas para cada indivíduo, comprovando que não existe o sabor da fruta, mas existe um paladar que se agrada ou não do gosto, logo, não se pode concluir que a fruta tenha o mesmo sabor para cada indivíduo. Da mesma forma, os sons podem ser apreciados ou não por uma pessoa qualquer e as cores podem ser visualizadas de formas diferentes por qualquer indivíduo racional.

Os sentidos seriam, para o filósofo, uma característica diversa entre os seres vivos, resultando em sensações subjetivas. Isso quer dizer que animais racionais não possuem, entre si, a mesma capacidade em relação ao olfato, paladar, tato, visão e audição. Além disso, a perspectiva de um animal irracional, devido à altura, necessidades distintas, entre outras características, as percepções de animais maiores, menores, ou até mesmo de tamanho igual ao dos seres humanos, são diferentes. Quanto à faculdade da razão estar presente ou não nos animais, que não os seres humanos, o autor não discorre nesta passagem;

Em relação às qualidades primárias, que são extensão, figura, solidez, peso, repouso e movimento, a mesma regra sobre a diferente perspectiva dos cinco sentidos de todos os animais em relação aos seres humanos, é a mesma. Vejamos o exemplo da relação “maior que”: uma pequena pedra no chão, que poderia facilmente passar despercebida a um olho humano, para uma formiga pode ser o motivo para que seu trajeto até o formigueiro precise fazer um contorno, na mesma intensidade que uma montanha para um ser humano. Dessa forma, a extensão é uma qualidade que não existe no objeto, isso devido ao fato de que, dependendo do tamanho do ser em questão, a extensão será variável. Esse exemplo também pode ser utilizado como exercício para testagem. Quando nos aproximamos ou nos afastamos de um objeto sua distância varia, alterando suas qualidades primárias.

Da mesma forma o movimento pode ser analisado. Um movimento não pode ser ao mesmo tempo rápido e lento, tampouco a extensão pode ser pequena e grande ao mesmo tempo. “A rapidez de um corpo está numa razão inversa ao tempo que ele leva para percorrer qualquer espaço determinado” (Berkeley, 2008, p. 203). Assim, um corpo que percorre cinco quilômetros em uma hora se move mais rápido do que se percorresse um quilômetro em cinco horas.

O tempo é medido pela ocorrência de ideias na mente humana; logo, elas podem acontecer mais devagar ou mais rápido dependendo da mente em questão. Ou seja, em algumas mentes, as ideias podem ocorrer com um intervalo de tempo maior, quando comparadas a outro ser humano. Neste processo, o mesmo corpo que pode ser considerado rápido por X ao realizar esse movimento, de percorrer um espaço determinado, pode parecer o dobro do tempo para Y.

Phil. Consequentemente, a uma outra pessoa um mesmo corpo pode parecer realizar seu movimento sobre determinado espaço em metade do tempo que parece a você. E o mesmo raciocínio será válido para qualquer outra proporção: ou seja, de acordo com os seus princípios (desde que os movimentos percebidos estejam ambos realmente no objeto), é possível que um mesmo corpo se mova realmente ao mesmo tempo de forma muito rápida e muito lenta. Como isso é compatível com o senso comum ou com o que você mesmo acabou de admitir? (BERKELEY, 2008, p. 204)

Nessa mesma perspectiva, podemos observar a solidez, que também é uma qualidade relativa aos seres vivos, de acordo com sua estrutura corporal e tamanho. Assim, o que se faz duro para um animal, pode ser macio para outro que tenha mais força. Essa sensação de resistência, portanto, não está no corpo, não faz parte dele, não é inerente a ele. Dessa forma, reconhecendo que a extensão não existe fora da mente, reconhecemos também a inexistência

do movimento, da solidez e do peso, isso porque, todas essas qualidades supõem a extensão. Por fim, o autor rejeitou a noção de que existe uma substância material independente da mente; logo, a extensão física não faz sentido.

Extensão e forma não podem existir numa substância incapaz de percepção; logo, não podem ser propriedade dos objetos e sim dos seres que os sentem (mente). Da mesma forma, não se pode existir movimento sem uma mente presente, pois o movimento só pode existir caso exista um objeto, o movimento sem o objeto é impossível. A diferenciação lockeana entre as qualidades primárias e secundárias não faz sentido para Berkeley, visto que tanto qualidades primárias quanto as secundárias não passam de criações da mente e não existem independente dela. Isso se deve ao fato de não ser possível separar as ideias de extensão e movimento das ideias de todas as qualidades que os que fazem a distinção chamam de secundárias (BERKELEY, 2008, p. 207).

Dessa forma, Berkeley alega que as qualidades primárias e secundárias, em verdade, não podem ser obtidas uma sem a outra, pois compreende-se que se os objetos percebidos fossem aniquilados de uma vez só, não haveria espaço, nem movimento para perceber (ZUNINO, 2006, p.13). Além disso, essa teoria também é falha a ponto de ser desconsiderada devido ao fato de ambas não existirem fora da mente. Isso quer dizer que a filosofia que deu origem a essa interpretação de mundo não está correta, de acordo com as observações já discutidas aqui.

Phil. Você está gracejando, Hylas, ou você tem uma péssima memória. Embora realmente tenhamos passado todas as qualidades pelo nome uma após a outra, meus argumentos, contudo ou, antes, suas concessões, não tencionam provar que as qualidades secundárias não subsistem cada uma individualmente, mas que elas não existem *de maneira nenhuma* fora da mente. Na verdade, ao tratar da figura e do movimento, concluímos que eles não poderiam existir fora da mente porque foi impossível, mesmo em pensamento, separá-los de todas as qualidades secundárias de forma a concebê-los existindo independente. No entanto, esse não foi o único argumento utilizado naquela ocasião. Todavia (deixando de lado tudo o que foi dito aqui e considerando-o sem importância, se você concordar), estou disposto a reduzir tudo a esta questão. Se você puder conceber que é possível que qualquer objeto sensível que seja, exista fora da mente, então admitirei que isso realmente é assim. (BERKELEY, 2008, p. 217 – 218)

Ele conclui esse trecho sem uma resposta satisfatória de Hylas. Assim, podemos entender que, de acordo com essa análise, tudo o que podemos fazer é formar ideias na mente. Berkeley argumenta que a distinção entre qualidades primárias e secundárias pode ser desconsiderada, visto que é impossível formar uma ideia de extensão e movimento sem atribuir a ela uma cor, ou outra qualidade dependente da mente. Não se pode conceber algo

corpóreo sensível existindo fora da mente. De acordo com Berkeley, não é a distância que sugere que os objetos existam somente na mente, mas toda a análise feita a partir das experiências sensíveis.

Assim, o conhecimento das chamadas coisas materiais cai por terra, isso dado o fato de que não existe nenhuma razão evidente para crer sequer na própria existência material, tampouco um instrumento que possa ser utilizado a fim de provar a própria existência. Berkeley argumenta que a substância material é, na verdade, percepção e ideias existentes na mente. Ele rejeita a noção de que existe uma substância material externa às mentes dos espíritos. Em contrapartida, sustenta que tudo que percebemos é composto de experiências sensoriais e não possui existência independente da mente que percebe.

3. SEGUNDO DIÁLOGO: SOBRE DEUS

No segundo diálogo, Berkeley faz uma continuação da exploração teórica que iniciou no primeiro livro. A explicação materialista da sensação/experiência sensível como efeito das mudanças causadas no cérebro, é o problema que dá início ao *segundo diálogo*. Para Philonous, as coisas sensíveis são, todas, percebidas imediatamente, essa é a característica principal deste conceito; logo, as coisas percebidas de imediato são as ideias, e elas só existem na mente.

Se deixarmos de lado o espírito, como proposto por Berkeley (2008, p. 234)⁴, tudo o que podemos conceber são ideias. Se essas ideias fossem ocasionadas pelas impressões no cérebro, então as ideias estariam sendo gravadas em uma ideia, o que torna essa teoria absurda. Caso essa teoria seja refutada, explica Berkeley, essa questão se torna uma sentença ininteligível, e não resulta numa hipótese razoável. Para o representante de Berkeley neste diálogo, as ideias não podem ser explicadas por meio de movimentos nem impressões deixadas no cérebro, o que faz com que essa investigação a respeito de cérebro não seja relevante, capaz de promover alterações.

Phil. Você não precisa se preocupar muito com isso, pois, afinal, essa maneira de explicar as coisas, como você a chamou, nunca poderia ter satisfeito homem sensato. Que conexão existe entre um movimento dos nervos e as sensações de sons e cores na mente? Ou como é possível que as sensações sejam o efeito do movimento? - Philonous para Hylas. (BERKELEY, 2008, p. 234)

Nesse trecho, Berkeley esclarece que não aceita a premissa de que as sensações de sons e cores presentes na mente derivam de um movimento dos nervos, visto que se tratam de sensações e nervos. As cores e sons são ideias adquiridas através das experiências sensíveis com base nos objetos presentes na realidade a qual os espíritos se inserem. É inadmissível aceitar uma teoria que sugira que somente a experiência material forneça as ideias que habitam os pensamentos humanos; logo, que o conhecimento possui início externo, ou seja, fora dos espíritos. Enquanto Locke defende que existe uma realidade material objetiva fora da mente, composta de qualidades primárias e secundárias, Berkeley sustenta que o conhecimento humano se constrói de ideias e não de fatos, sendo essas ideias originadas nos sentidos, tornando a mente unicamente responsável pelas ideias, sem nenhum agente externo.

⁴De acordo com os três diálogos, é possível perceber que o autor utiliza o termo espírito para representar entidades conscientes e dotadas de pensamento, percepções e vontades. Assim, os seres humanos são considerados espíritos individuais com capacidade para compreender as ideias existentes no mundo.

As mudanças que ocorrem no mundo, que dão origem aos cheiros, cores, sons, sabores e texturas, movimentos, extensão, peso e todas as características que observamos no primeiro capítulo, somente são possíveis devido à existência de um ser superior concedida aos espíritos. Esse ser superior, essa mente na qual o mundo existe, e que é capaz de comprovar a existência desse mundo imaterial, faz com que se torne uma certeza conceber a existência desse mundo sensível. Pois tudo que existe são percepções e ideias na mente de Deus e nas mentes individuais. O mundo sensível é a única realidade verdadeira e não existe realidade material independente das percepções.

Phil. [...] Você de fato disse que a realidade das coisas sensíveis consiste numa *existência absoluta* fora da mente dos espíritos, ou diferente de seu ser percebido. E de acordo com essa noção de realidade, você é obrigado a negar às coisas sensíveis qualquer existência real; ou seja, segundo a sua definição, você se considera um *cético*. Mas eu não disse nem pensei que a realidade das coisas sensíveis deveria ser definida dessa maneira. Para mim é evidente, pelas razões que você reconhece, que as coisas sensíveis não podem existir senão em uma mente ou um espírito. Por isso concluo não que elas não têm nenhuma existência real, mas que, vendo que elas dependem de meus pensamentos e que têm uma existência distinta de ser percebida por mim, deve existir alguma outra mente onde elas existem. Portanto, tão certo como que o mundo sensível realmente existe, é igualmente certo que existe um espírito infinito onipresente que o contém e mantém. (BERKELEY, 2008, p. 237)

O ceticismo moderno, segundo Descartes, se origina de uma dualidade inerente às filosofias que fazem certa distinção entre aparência e realidade. Assim, a intenção de Berkeley é combater o ceticismo apresentando uma teoria que não fizesse distinções. Berkeley associa ao materialismo o incentivo destinado ao ceticismo, desta forma, as colocações berkeleyanas se baseiam em evitar os problemas desenvolvidos pela teoria cética, é daí que surge o imaterialismo, como uma forma de combater as doutrinas materialistas.

Enquanto a teoria de Locke sobre a existência de Deus se sustenta na crença de que todas as coisas são percebidas por Deus devido à sua existência, a filosofia de Berkeley se resume a concluir imediatamente a existência de um Deus, devido ao fato de que todas as coisas sensíveis devem, necessariamente, ser percebidas por Ele. Isso quer dizer que essa filosofia não está de acordo com a máxima cristã tradicional de existência divina.

Para os filósofos defensores da ideia de Deus, ainda que possam reconhecer que os seres corpóreos são percebidos por Ele, atribuem a este uma existência absoluta que define que não pode ser percebido por qualquer mente. Logo, existe uma grande diferença em aceitar que existe um Deus e, por consequência, que ele perceba todas as coisas, e dizer que as coisas

sensíveis de fato existem, e sendo existentes, necessariamente são percebidas por uma mente infinita. Por consequência, há uma mente infinita ou o que nomeamos Deus.

Phil. [...] Teólogos e filósofos provaram além de qualquer controvérsia, a partir da beleza e utilidade das várias partes da criação, que essa foi uma obra de Deus. Mas que, deixando de lado toda ajuda da astronomia e da filosofia natural, toda contemplação da complexidade, ordem e ajuste das coisas, uma mente infinita deve necessariamente ser inferida a partir da simples existência de um mundo sensível, é uma vantagem peculiar apenas para aqueles que fizeram a seguinte reflexão: que o mundo sensível é aquele que percebemos por intermédio de nossos vários sentidos; e que nada é percebido pelos sentidos além de ideias; e que nenhuma ideia ou arquétipo de uma ideia pode existir senão em uma mente. Você pode, agora, sem nenhuma pesquisa laboriosa das ciências, sem nenhuma sutileza da razão, ou sem discussão extensa e cansativa, objetar contra e confundir o mais apaixonado defensor do ateísmo. Aqueles refúgios miseráveis, como uma eterna sucessão de causas e efeitos não pensantes ou como uma afluência fortuita de átomos; aquela imaginação fantástica de Vanini, Hobbes e Spinoza: numa palavra, o sistema do ateísmo inteiro não é destruído por completo por essa simples reflexão sobre a contradição inerente à suposição de que o todo, ou qualquer parte, mesmo a mais rude e sem forma, do mundo visível, existe fora da mente? Deixe qualquer um daqueles instigadores de impiedades refletir sobre os próprios pensamentos e então tentar conceber como uma rocha, um deserto, o caos ou uma mistura confusa de átomos; como pode qualquer coisa que seja, sensível ou imaginável, existir de forma independente de uma mente, e ele não precisará de mais nada para ser convencido de sua insensatez. Pode alguma coisa ser mais justa do que propor uma discussão sobre tal assunto e depois deixar a própria pessoa verificar se pode conceber, mesmo em pensamento, o que ela afirma ser de fato a verdade e, a partir de uma existência nocional, atribuir-lhe uma existência real? (BERKELEY, 2008, p. 238-239)

Neste trecho, os filósofos citados são, na concepção de Berkeley, ao mesmo tempo que materialistas, também ateístas. Vanini (1585 – 1619) foi um padre napolitano e sustentou a eternidade da matéria, sendo, por esse motivo, condenado à fogueira, devido às consequências ateístas de sua filosofia. Na sequência, Hobbes é considerado ateu inconverso, explica a mente de forma materialista. Spinoza (1632 – 1677) não distinguiu entre Deus e natureza e, por essa razão, foi considerado ateu⁵.

As ideias são, em verdade, completamente passivas e inertes, sendo essencialmente, ou parte da essência e substância de Deus, que por sua vez se faz ativo, puro, impassível e indivisível. Essas definições de Deus estão interligadas com a concepção berkeleyana de mundo, compostas de percepções e ideias, refletindo também a perspectiva teológica do autor sobre a natureza divina. Deus é a causa constante e ativa de todas as percepções e ideias presentes nos espíritos, nada existe fora da mente de Deus e das mentes humanas, todas as coisas, inclusive objetos percebidos, são mantidas em existência devido à atividade contínua da mente divina.

⁵Essa explicação pode ser encontrada na obra *Três diálogos entre Hylas e Philonous* (BERKELEY, 2008), na nota de rodapé do tradutor Jaimir Conte, página 239

Berkeley desacredita num mundo externo e absoluto, defende que conhecemos o mundo como ele de fato é: tendo as percepções humanas como parâmetro do que é o mundo, e as ideias na mente de Deus como plano de fundo das interações humanas. Contudo, esse mundo imaterial é uma realidade divina, causada pela mente de um ser infinito e complexo, projetada para os espíritos finitos através de suas mentes. Nada pode existir a menos que uma mente exista.

Os espíritos, ou mentes, veem as coisas em sua essência, o que torna evidente que as coisas percebidas são ideias individuais, pertencentes a cada mente em questão. E isso ocorre devido ao fato de que Berkeley defende que os espíritos veem as coisas em sua essência as coisas percebidas são ideias individuais na mente de Deus e nas mentes finitas. Essa tese está diretamente associada à natureza das percepções e a conexão entre as mentes. Quando percebemos algo, estamos experimentando diretamente as ideias individuais que fazem a composição do objeto percebido. Essas ideias são manifestações das qualidades perceptivas do objeto; assim sendo, as mentes presentes veem esses objetos em sua essência, pois estão cientes das qualidades e características das ideias específicas desse objeto em questão. Portanto, se não existe realidade material independente das percepções e Deus é a causa das percepções e ideias, cada espírito individual é capaz de experimentar suas próprias percepções únicas.

Por outro lado, é concebível que essas ideias existam em um espírito e que este seja responsável por produzi-las nas mentes dos seres finitos. Essa definição se baseia na crença berkeleyana de que tudo o que existe são percepções e ideias, estabelecendo assim a relação entre as mentes humanas e a mente divina como parte fundamental de sua visão de realidade. Isso se estabelece de acordo com o fato de que diariamente muitas ideias são percebidas pelos seres humanos finitos, sua causa gera uma grande variedade delas, levando-as também à imaginação.

Dessa forma, é possível concluir que existe uma mente afetada, a todo o momento, com todas as impressões sensíveis percebidas. Considerando a variedade dessas ideias, a ordem delas e seus modos, temos que o autor delas (Deus) é “sábio, poderoso e bom além da compreensão” (BERKELEY, 2008, p.243). Não que possam ser compreendidas as coisas mediante o que as representa na substância de Deus, fundamental a todas as coisas derivadas, a causa e o que mantém todas as percepções e ideias. Ele é inteligível, pois se trata de um ser espiritual, que não está sujeito às limitações da matéria como tempo e espaço. Assim, os seres

humanos não possuem a capacidade de compreender Deus completamente, mas o compreendem dentro de suas limitações finitas.

De acordo com o autor, todas as ideias são passivas e inertes, pois não possuem em si nenhuma ação, isso se dá também às qualidades sensíveis, pois também se tratam de ideias. Supor uma causa eficiente ou ativa, que não seja um espírito, se faz absurdo após a longa reflexão em torno do apanhado geral desta filosofia. Não se pode crer na existência de algo inconcebível e desconhecido, como a matéria, para suporte da mente infinita que produz a realidade. Não existe um instrumento sendo utilizado para produzir um efeito imediatamente dependente da vontade do agente. O uso de um instrumento inerte e inativo é incompatível com a infinita perfeição de Deus.

Phil. Admito que, a partir de uma causa, efeito, operação, sinal ou outra circunstância, se pode razoavelmente inferir a existência de uma coisa que não é imediatamente percebida; e que seria absurdo a qualquer pessoa argumentar contra a existência de tal coisa a partir do fato de não se ter nenhuma noção direta ou positiva acerca dela. Mas, onde não há nada disso; onde não temos sequer uma noção relativa dela; onde uma abstração é feita entre perceber e ser percebido, entre espírito e ideia; e, por fim, onde somente existe a mais inadequada e vaga ideia, eu realmente não vou concluir contra a realidade de qualquer noção ou existência de qualquer coisa, mas minha inferência será que você não quer dizer nada, que você emprega as palavras sem absolutamente nenhum propósito, sem nenhum desígnio ou significado que seja. E deixo para você considerar com um mero jargão deve ser tratado. (BERKELEY, 2008, p. 255)

É nessa perspectiva que Berkeley inicia o debate a respeito da linguagem, tema que ganha destaque na filosofia do autor. Os termos utilizados para denominar os objetos não necessariamente importam, isso diz respeito apenas à comunicação entre espíritos. Dada a necessidade de comunicação e a própria interpretação da realidade, a linguagem se faz extremamente necessária. Contudo, os termos utilizados foram desenvolvidos a fim de facilitar o diálogo entre seres humanos. Isso porque para que o conceito de maçã seja compreendido, não há necessidade de citar cada uma das características que envolvam cor, sabor, textura, cheiro entre outras; tudo isso já está compreendido dentro do conceito de maçã.

Quando Berkeley diz que um pedaço de pão sensível satisfaz o estômago, diferente do pão não sensível (BERKELEY, 2008, p. 265), ele está dizendo que o pão sensível é o que pode ser conhecido e acessado pelo ser humano. Isso ocorre dado o fato de que só é possível conhecer aquilo que interage com os cinco sentidos, e a esses chamamos pelo nome, como por exemplo a própria palavra pão. Para que não seja necessário dizer que o alimento é uma massa que cresce através de um processo de fermentação natural e mais tarde vai receber

farinha, açúcar, água, será sovada e assada para então receber o nome de pão e que poderá servir como alimento, nós simplesmente o chamamos de pão, que engloba todo esse processo dentro do conceito. Os seres humanos utilizam conceitos para se referir aos objetos, e, desta forma, podemos nos comunicar com outros seres humanos.

Todas as coisas sobre as quais falamos receberam nomes e todas elas estão sob observação constante dos sentidos, ou seja, são coisas sensíveis. E qualidades sensíveis como cor, textura, gosto, cheiro, estão presentes na mente e podem ser adquiridas no contato da mente com o objeto. Os exemplos citados anteriormente podem ser utilizados aqui também, como o caso da maçã e do pão. Isso significa que os objetos são nomeados e por isso podemos falar facilmente sobre eles.

Para Berkeley, os seres humanos não veem o mesmo objeto da mesma forma, um objeto percebido a olho nu não é o mesmo percebido sob lentes microscópicas. Caso cada uma dessas variações fosse considerada suficiente para estabelecer uma nova espécie de linguagem, o imenso número de conceitos e a confusão que isso geraria tornariam a linguagem impossível.

Para evitar esse cenário, os seres humanos combinam as ideias que apreendem pelos sentidos, ou pelo mesmo sentido em momentos ou circunstâncias diferentes. Isso ocorre nas situações nas quais existe alguma conexão com a natureza, com respeito à coexistência ou sucessão, para assim todos os objetos do entendimento humano possuírem um conceito, e logo, se tornarem uma coisa. Por isso, quando os objetos vistos a olho nu são observados por meio de um microscópio, a intenção não é criar um conceito, menos ainda perceber de forma mais clara o que antes fora percebido a olho nu. O objetivo é somente saber quais ideias estão conectadas, e quanto mais o ser humano sabe sobre a conexão de ideias, mais ele sabe sobre a natureza das coisas, pois, a compreensão dessa conexão é uma forma de acessar a natureza das coisas visto que as ideias são a substância da realidade e a mente divina estabelece uma ordem consistente nessas conexões. Assim, a mente e as ideias se fazem o centro da compreensão da realidade.

Isso quer dizer que não importa se nossas ideias são variáveis ou se nossos sentidos são afetados pelas mesmas aparências. Tampouco se pode concluir disso que os sentidos não são confiáveis ou inconsistentes com eles mesmos ou qualquer outra coisa que seja a noção preconcebida de matéria. Para Berkeley essa discussão parece surgir de uma má interpretação dos seres humanos, a respeito da linguagem, falando de várias ideias diferentes sendo unidas

pela mente. E os filósofos, a partir disso, constroem suas filosofias mais sobre palavras, formadas por pura conveniência e comunicação comum, do que sobre noções.

Embora o termo ideia compreenda objetos imediatos ao entendimento ou coisas sensíveis que não podem existir fora da mente, vale considerar que esse termo (ideia) pouco importa visto que se ele for mantido ou rejeitado, o sentido, a verdade, e a realidade das coisas permanecerá igual. Segundo Berkeley, na linguagem ordinária, os objetos dos sentidos humanos não se chamam ideias, mas sim coisas, e contanto que não lhes seja atribuída uma existência externa e absoluta a palavra utilizada é indiferente.

Phil. Se todas as interpretações possíveis que podem ser dadas ao primeiro capítulo de *Gênesis* podem ser concebidas como tão compatíveis com meus princípios como com qualquer outro, então não há sentido algum que você possa também conceber se acreditar como eu acredito. Uma vez que, além de espíritos tudo que você concebe são ideias, e a existência delas eu nego, nem pretendo que existam fora da mente. BERKELEY, 2008, pag. 300

Ou seja, todos os objetos possuem um conceito, um nome, para que se torne mais ágil a comunicação. Assim, a partir da linguagem criam-se conceitos particulares. Por exemplo, a maçã possui um gosto combinado à cor, peso, textura, cheiro específico, e não existe outra forma de definir uma maçã que não seja pelo conceito de maçã. Para que não seja necessário especificar cada uma das características desse objeto, os seres humanos denominam um nome, as noções comuns da comunicação. Além disso, ainda existe outra peculiaridade sobre os objetos do entendimento humano. Durante uma comunicação entre dois indivíduos, referente a um objeto particular, como por exemplo a noção de maçã, ambos podem entender através da linguagem do que se trata, mas não se pode dizer que ambos possuem a mesma imagem de maçã em suas mentes. Apesar de que é possível que os indivíduos se comuniquem entre eles a respeito de qualquer objeto.

Berkeley reconhece que percepções individuais são subjetivas, contudo, argumenta que a comunicação é possível por meio da relação e comunicação entre espíritos, que por sua vez compartilham conceitos que representam suas experiências sensoriais individuais, mesmo não tendo acesso direto às representações mentais de outros espíritos. Isso esclarece que, apesar de o autor considerar o mundo objetivo dado o fato de que ele é composto por ideias, as percepções individuais são subjetivas.

Phil. [...] As palavras impõem-se arbitrariamente; e dado que as pessoas costumam aplicar a palavra *mesma* onde nenhuma distinção ou variedade é percebida, e não pretendo alterar suas percepções, segue-se que, como as pessoas já disseram antes, *vários viram a mesma coisa*; então elas podem, em situações idênticas, continuar a

usar a mesma frase sem nenhum desvio, seja da propriedade da linguagem, seja da verdade das coisas. Mas se o termo *mesma* for usado na acepção dos filósofos, que querem dizer uma noção abstrata de identidade, então, de acordo com suas várias definições dessa noção (pois ainda não se chegou a um acordo sobre em que essa identidade filosófica consiste), pode ser possível ou não que diversas pessoas percebam a mesma coisa. Porém, se os filósofos acham adequado chamar uma coisa de *mesma* ou não, é algo, imagino, de menor importância. Suponhamos várias pessoas juntas, todas dotadas das mesmas faculdades e, conseqüentemente, afetadas do mesmo modo pelos seus sentidos, e que nunca tenham conhecido o uso da linguagem: elas iriam, sem dúvida, concordar com suas percepções. Embora, talvez, quando viessem a usar a fala, alguns, considerando a uniformidade do que foi percebido, poderiam chamá-la de a *mesma* coisa; outros, especialmente considerando a diversidade das pessoas que perceberam, poderiam escolher a denominação de coisas diferentes. Mas quem não vê que toda disputa é sobre uma palavra? A saber, se o que é percebido por diferentes pessoas pode, não obstante, ter o termo *mesmo* aplicado a ele? Ou, imagine uma casa cujas paredes ou estrutura exterior permaneçam inalteradas, mas cujos quartos são derrubados e outros novos são construídos no lugar: você chamaria essa casa de a *mesma* casa. Não estaríamos, apesar de tudo isso, concordando perfeitamente em nossos pensamentos sobre a casa em si? E toda a diferença não consistiria em um som? Se você disser que diferimos em nossas noções porque adicionou à sua ideia da casa uma simples ideia abstrata de identidade ao passo que eu não, eu lhe diria que não sei o que você quer dizer com essa *ideia abstrata de identidade*, e desejaria que você examinasse seus pensamentos e se assegurasse de que você mesmo se entende. (BERKELEY, 2008, p. 294 – 295)

Desta forma, Berkeley busca esclarecer que, a recusa ao ceticismo se baseia no fato de que existe a certeza da existência do que se pode perceber. Logo, os seres humanos são afetados por impressões sensíveis. E esse cenário é o mais importante, manter as noções do senso comum a respeito do que se pode conhecer e perceber. E isso tudo pode ser, de certa forma, universal, por conta da linguagem. Assim, a ideia de maçã será sempre uma maçã no que diz respeito às suas qualidades sensíveis e ao seu conceito. A maçã envolve o paladar, olfato, audição, visão e tato, ela possui um cheiro, um sabor, uma cor, uma textura e forma, e todas essas qualidades serão sempre atribuídas ao conceito de maçã. Por fim, no que diz respeito à substituição de termos, para Berkeley é inadmissível aplicar mal os nomes e contrariar o uso comum da linguagem.

Concluindo, também, que nada é mais usual aos filósofos do que verbalizar sobre os objetos imediatos do entendimento como coisas existentes na mente. A linguagem possui uma analogia geral entre experiências dos seres finitos e isso pode ser observado na maior parte das operações mentais que são significadas por termos emprestados de coisas sensíveis, as que foram pontuadas, por exemplo, “compreender, refletir, discursar” (BERKELEY, 2008, p.198). Termos esses que quando aplicados à mente não devem ser compreendidos no seu sentido original e literal, pois, sua filosofia nega a existência de objetos materiais

independentes e defende a realidade das ideias e percepções na mente, como a ordem estabelecida por Deus nas conexões entre essas ideias.

4. TERCEIRO DIÁLOGO: APONTAMENTOS

No presente diálogo, Hylas questiona Philonous em relação à existência da matéria do início ao fim — esse parece ser um dos principais pontos dos diálogos. Hylas afirma que o movimento é proporcional à velocidade, extensão e solidez “Os impulsos estão numa razão direta composta por velocidades e quantidades de matéria contida neles” (BERKELEY, 2008, p. 284). E aqui o personagem se refere ao fato de que velocidades iguais possuem impulsos proporcionais à quantidade de matéria em cada um. Tendo como evidência para essa afirmação o fato de que por experiência o movimento de descida dos corpos e sua gravidade, causa ou princípio desse movimento, é proporcional à quantidade de matéria.

Em contrapartida, para Berkeley, estabelecer como princípio que a quantidade de movimento em qualquer corpo é proporcional à velocidade da matéria é redundante. Além disso, Philonous admite que a gravidade pode ser proporcional às qualidades sensíveis. Mas nega veementemente que as qualidades percebidas pelos sentidos dos seres humanos existam na matéria. Supor que de fato a gravidade é proporcional à matéria, no sentido filosófico da palavra, e tomar como certo que a matéria é proporcional às qualidades sensíveis é uma “petição de princípio” (BERKELEY, 2008, p. 285)

Explicar os fenômenos é mostrar como somos afetados pelas ideias de acordo com a maneira e ordem em que elas são impressas nos sentidos humanos. Até o presente momento não houve um filósofo que tenha conseguido explicar a produção das ideias com o auxílio da matéria. A matéria é, segundo o autor, algo desconhecido, pois não se podem destacar suas qualidades, tampouco compreender sua existência. Compreender a existência da matéria é inconcebível. E, apesar disso, os filósofos observaram e raciocinaram acerca da conexão das ideias, descobrindo leis e métodos da natureza, que é uma parte desse conhecimento.

A mente é algo indivisível, inextenso, que é capaz de pensar, agir e perceber. Indivisível por ser inextensa, já que as coisas sensíveis são as ideias, logo, móveis e figuradas. E aquilo que pode perceber ideias, que pensa e deseja, não é uma ideia. Ideias são inativas e podem ser percebidas, os espíritos são uma espécie de seres complementares que diferem delas. A alma não é uma ideia, nem semelhante a uma ideia. É possível dizer que a alma fornece uma ideia que é uma imagem ou semelhança de Deus.

Essas considerações sobre natureza da mente e da alma, presentes no parágrafo anterior, esclarecem a complexidade da existência e da percepção. Enquanto a mente é tida

como algo indivisível, inextenso e capaz de pensar e perceber, a alma se destaca como uma entidade distinta das ideias e como uma imagem de Deus. É essa reflexão sobre a natureza da mente e da alma que nos leva diretamente à crítica de Berkeley sobre a existência da substância material.

Segundo Berkeley, as coisas necessariamente devem ser possíveis, visto que não se pode ter inconsistência em sua definição. Não existe razão para acreditar na existência da matéria, não é possível ter nenhuma noção imediata sobre ela, também não se pode inferir imediatamente a partir das sensações, ideias, noções, ações ou paixões uma substância não pensante, que é inativa e incapaz de perceber por dedução provável ou consequência necessária. Ao passo que a existência dos seres humanos, da alma, mente ou princípio pensante, é possível conhecer mediante reflexão.

Berkeley entende que supor que um ser não pensante deva existir sem ser percebido por uma mente é, no mínimo, inconcebível. A intenção não é transformar as coisas em ideias, e sim, transformar as ideias em coisas. Isso ocorre porque, para o autor, os objetos de percepção imediata são as coisas reais. Logo, por meio dos sentidos os seres humanos adquirem uma visão de mundo real, coisa que o autor defende e também atribui ao senso comum, que é confiar nos próprios sentidos.

Desta forma, defender a confiança nos próprios sentidos é defender o senso comum. São de fato as experiências sensíveis que agregam o conhecimento dos seres humanos, sem uma realidade além daquela que se conhece. Berkeley contesta a ideia de que a substância material existe independente da mente, em contrapartida ele argumenta que a matéria só existe na medida em que é percebida por mentes conscientes. Primeiramente não é possível conceber a existência da matéria independente da percepção, ou seja, não é possível, mesmo com o auxílio da imaginação, chegar à existência de algo não percebido. Tudo que pode ser experimentado depende da mente; logo, objetos materiais não podem existir a menos que uma mente exista. Além disso, a realidade está nas percepções e ideias na mente de Deus e das criaturas racionais. Segundo o autor, Deus garante a existência das coisas, já que Ele percebe tudo o tempo todo e as coisas materiais existem devido à Sua percepção. Daí a tese “*esse est percipi*” (ser é ser percebido). E isso quer dizer que a existência das coisas materiais está intrinsecamente ligada às percepções da mente.

Na própria definição de substância material está inclusa uma contradição, o que não se pode dizer a respeito da noção de espírito. Que ideias devam existir em algo que não se pode

perceber, ou produzidas por algo que não age, é contraditório. É possível dizer que uma coisa perceptiva seja sujeito das ideias, ou que a causa delas seja uma coisa ativa. Podemos admitir que não temos uma evidência imediata nem conhecimento demonstrativo acerca da existência de outros espíritos finitos, mas não se pode concluir que esses espíritos se encontrem no mesmo nível que as substâncias materiais. Supor o primeiro é inconsistente, supor o segundo não, visto que um pode ser inferido sem argumentos e existe a probabilidade a favor do outro. Se podemos ver signos e efeitos que indicam agentes finitos diversos e semelhantes entre si, não se podem ver sinais ou sintoma que possa levar a uma crença racional na matéria.

Phil. Quantas vezes devo repetir que conheço e sou consciente de minha existência? E que não sou minhas ideias, mas algo diferente, um princípio ativo e pensante que percebe, conhece, deseja e opera sobre as ideias? Sei que eu, uma e a mesma pessoa, percebo tanto cores como sons; que uma cor não pode perceber um som, nem um som uma cor; que sou, portanto, um princípio individual, diverso de cor e som; e, pela razão, diferente de todas as demais coisas sensíveis e ideias inertes. Mas não estou, da mesma forma, ciente da existência ou essência da matéria. Ao contrário, sei que nada inconsistente pode existir e que a existência da matéria implica uma inconsistência. Além disso, sei o que quero dizer quando afirmo que existe uma substância espiritual ou suporte das ideias, ou seja, que um espírito conhece e percebe ideias. Mas não sei o que querem dizer quando afirmam que uma substância incapaz de perceber e suporta ideias ou arquétipos de ideias inerentes a ela. Não existe, portanto, no todo, nenhuma analogia entre os casos do espírito e da matéria.
(BERKELEY, 2008, p. 272)

É natural que quem possui uma crença na substância material sustente a teoria de que existem naturezas desconhecidas em tudo. Berkeley, neste livro, trata de mostrar que na verdade essa natureza desconhecida só é uma hipótese quando se distingue entre realidade e aparência sensível dos objetos. Alegar que não se sabe a verdadeira natureza das coisas e que não se sabe se algo de fato existe é atribuir aos seres materiais uma existência independente, absoluta e externa, supondo que é nisto que consiste a própria realidade. No fim, essa teoria demonstra uma clara inconsistência na existência dos objetos, ou algo duvidoso, o que torna essa hipótese, além de incoerente, também cética.

Para Berkeley, a intenção não é formular hipóteses, isso dado o fato de que ele diz pertencer à classe das pessoas comuns, ou seja, acredita nos próprios sentidos e deixa as coisas como as encontra. A opinião do autor diz respeito a sustentar que as coisas reais são as mesmas coisas que podem ser vistas, sentidas e percebidas por meio dos sentidos. As coisas que passam por esses três filtros são as coisas conhecidas, que respondem a todas as necessidades e propósitos da vida. Quanto aos seres desconhecidos, esses não tem importância pois são indiferentes ao conhecimento humano.

Phil. [...] Um pedaço de pão sensível, por exemplo, satisfaria meu estômago dez mil vezes mais do que aquele pão não sensível, ininteligível e real do qual você fala. É também minha opinião que as cores e outras qualidades sensíveis estão nos objetos. Não posso deixar de pensar que a neve é branca e o fogo, quente. Você certamente, que por *neve* e *fogo* quer dizer alguma substância externa, impercebida e incapaz de perceber, está no direito de negar que a brancura e o calor são qualidades inerentes a eles. Mas eu, que entendo por essas palavras as coisas que vejo e sinto, sou obrigado a pensar como as outras pessoas. E, como não sou cético no tocante à natureza das coisas, tampouco o sou no que concerne à sua existência. Que uma coisa deva ser realmente percebida pelos meus sentidos e, ao mesmo tempo, realmente não existir, é para mim uma evidente contradição, já que não posso prescindir ou subtrair, mesmo em pensamento, a existência de uma coisa sensível do seu ser percebido. Madeira, pedras, fogo, água, carne, ferro e coisas parecidas, as quais nomeio sobre as quais converso, são as coisas que conheço. E não as teria conhecido se não as tivesse percebido por meio de meus sentidos; e as coisas percebidas pelos sentidos são imediatamente percebidas; e as coisas imediatamente percebidas são ideias; e ideias não podem existir fora da mente; sua existência, portanto, consiste em ser percebidas. Quando, então, elas são realmente percebidas, não pode haver dúvida quanto à sua existência. [...] (BERKELEY, 2008, p. 265 – 267)

As coisas sensíveis, essas que podemos ver, tocar, sentir e perceber, são as coisas reais, toda a classe de pessoas comuns pensa dessa forma, e Berkeley está entre ela, constatando que as coisas que podem ser conhecidas respondem a todas as necessidades e propósitos da vida, não há necessidade de se preocupar com outras coisas ou seres desconhecidos, como por exemplo o que as coisas realmente são. Segundo a teoria berkeleyana, o mundo é composto por percepções mentais que dependem de serem percebidas por mentes conscientes. As coisas sensíveis são o que se pode conhecer, não existe nada para além do vermelho da maçã, do gosto adocicado, da textura lisa e do peso, se trata de uma maçã e nada além disso. Essas características, que estão associadas ao que se pode conhecer de um objeto sensível, corresponde às necessidades e propósitos da vida. Isto é, uma maçã é uma ideia presente na mente de Deus.

Uma coisa que pode ser percebida pelos sentidos, nesse caso a maçã, deve existir, isso porque não é possível prescindir ou abstrair a existência de uma coisa sensível do seu ser percebido. Os espíritos podem conhecer os objetos através dos sentidos, que percebem coisas imediatamente. Coisas percebidas imediatamente são ideias e ideias não podem existir fora da mente. Logo, os objetos são ideias na mente de Deus, que é um ser infinito e perfeito, Ele as percebe e cria. Por isso se torna tão ofensivo questionar a existência dos objetos, visto que questioná-la é equivalente a questionar também a existência de Deus.

Ao fazer esse processo todo com o objeto podemos concluir que a maçã existe ou é real, e a sua realidade não é independente dessas sensações, o que reitera a argumentação do autor no que diz respeito a uma existência necessariamente vinculada a uma mente. Quando

se fala em objetos existentes na mente ou impressos nos sentidos, quer dizer que a mente compreende e percebe esses objetos e que a mente é afetada por algo exterior, ou algum ser diferente dela.

Neste capítulo não vamos nos alongar nesse debate. Entretanto, é interessante mencionar que além de evidenciar sua teoria, a ideia de Berkeley é também citar seus antecessores, a exemplo a provável referência a Descartes, que argumentou, nas *Meditações*, a favor da confiabilidade das faculdades humanas e a existência de um mundo material a partir da garantia de Deus⁶. Locke também recebe uma referência nessa obra, dado o fato de que, nos Ensaios afirma que “A notícia que temos através de nossos sentidos da existência das coisas externas [...] merece o nome de conhecimento”⁷. O estudo aprofundado desses outros dois grandes autores ficará para uma pesquisa futura, aqui eles são plano de fundo como figuras importantes para a história da filosofia em particular, importantes para a tese berkeleyana.

Philonous defende que as coisas sensíveis não possuem existência fora da mente. Isso não significa que as coisas sensíveis não possuem uma existência exterior a uma mente específica, isso é comprovado devido às experiências, as coisas sensíveis independem de uma mente particular. Devido a isso pode-se comprovar que existe uma outra mente na qual essas coisas sensíveis existem durante os intervalos de tempo que ocorrem entre uma experiência sensível de uma mente particular e outra.

Por exemplo, como podemos comprovar que esse terceiro capítulo existe enquanto não estamos o percebendo? Não podemos. Uma prova disso é a de que as coisas sensíveis já existiam antes do nascimento de qualquer mente particular e continuam existindo após a (suposta)⁸ morte dessa mesma mente. Isso também ocorre a todas as outras mentes presentes no mundo que sejam imperfeitas e finitas. A partir disso podemos concluir que existe uma Mente onipresente e eterna que é capaz de compreender todas as coisas. Ela as exhibe aos olhos das mentes finitas de alguma forma e sob suas próprias regras, as quais essa mesma mente infinita estabelece e as quais conhecemos como as Leis da Natureza.

O que se pode compreender da filosofia de Berkeley é: existe um Deus ao qual ele atribui o nome de mente onipresente. Essa mente possui ideias que não podem ser acessadas pelas mentes finitas, ou seres humanos, que não estão aptos a compreender a existência desse

⁶Ver nota de rodapé 36, BERKELEY, 2008, p. 266

⁷Ver nota de rodapé 37, BERKELEY, 2008, p. 266

⁸Ver Três diálogos entre Hylas e Philonous, BERKELEY, 2008, p. 267

ser superior devido à sua infinitude. Logo, as ideias que as mentes finitas possuem são isentas de matéria, nós interagimos com elas através dos sentidos, comemos, vemos, sentimos e as conhecemos. Essas ideias são reais, entretanto não possuem existência material fora de qualquer mente finita, são ideias presentes na mente de Deus, que as projeta aos olhos humanos, de certa forma, e que são compreendidas pelos seres humanos como a realidade. As pessoas comuns não questionam a existência das coisas sensíveis, elas creem no criador do universo e vivem as leis da natureza por serem fiéis a Deus.

Todas as ideias presentes nas mentes humanas são completamente passivas e inertes. Isso ocorre porque Deus é uma mente perfeitamente ativa, o que torna impossível que ele possa ser representado por quaisquer ideias passivas e inertes. Isso significa que não é possível a uma mente humana projetar a imagem divina, as representações presentes nas mentes humana existem devido à experiência sensível, pode-se comprovar a existência de um espírito ou substância pensante ao perceber a existência de suas ideias.

Dessa forma, o autor define que as ideias só podem existir em espíritos. Os objetos imediatamente percebidos são ideias e as qualidades sensíveis são objetos imediatamente percebidos. Isso por si só é suficiente para concluir que não pode haver nenhuma substância material de tais qualidades que não seja o espírito. No que corresponde ao pecado dos homens, vejamos a tese a seguir.

Nas Sagradas Escrituras, Deus é representado como Autor único e imediato de todos os efeitos atribuídos à natureza, à matéria, ao destino ou até mesmo a princípios não pensantes e similares. E em relação a responsabilizar Deus por atos como assassinatos, sacrilégios, adultérios e pecados hediondos, Berkeley sinaliza que a imputação da culpa é a mesma quer uma pessoa cometa uma ação com ou sem instrumento. Ou seja, embora Deus não seja o autor direto do mal, a consciência Dele sobre essas ações e intenções humanas gera implicações morais, e o fato de Ele observar todas essas ações deve ser um incentivo para os seres finitos seguirem corretamente os preceitos morais e serem responsáveis por suas escolhas. Dessa forma, caso a situação seja supor que Deus age pela mediação de um instrumento ou ocasião denominada matéria, sim, isso o torna o autor do pecado, assim como considerá-lo o agente imediato em todas as operações atribuídas à natureza. Contudo, dado o fato de que o pecado não se caracteriza por ação física, Deus não pode ser considerado seu autor.

O pecado consiste em qualquer movimento ou ação física externa, no desvio interno da vontade que se afasta das leis da razão e da religião. Esse esquema não pode ser aplicado em casos como batalhas ou condenações de criminosos à pena de morte, visto que isso não se enquadra na definição de pecado. O pecado, por não consistir em nenhuma ação física, não torna Deus a causa imediata de ações de pecado, tampouco o autor deste. Berkeley afirma que não existem outros agentes além de espíritos, o que faz jus a conceber aos seres pensantes e racionais a produção de movimentos imediatos de acordo com sua vontade, ou seja, Deus não pode ser responsabilizado por ações próprias de seres finitos e imperfeitos. Os seres racionais pensantes, ao produzirem movimentos, usam poderes limitados que, em última instância derivam de Deus. O pecado ocorre imediatamente sob a direção das vontades dos espíritos finitos, isso se faz suficiente para atribuir a eles a inteira responsabilidade por suas ações.

E no tocante a Deus, Ele de fato conhece e compreende todas as coisas, entre elas a dor e o que ela significa a todas as Suas criaturas. Porém, ainda que Ele conheça a dor e por vezes cause sensações dolorosas nos espíritos finitos, Ele não pode experimentá-la. Os seres humanos, por serem limitados e dependentes, estão sujeitos às impressões dos sentidos e às ações de um agente externo, o que por vezes são produzidos contra a vontade dos seres humanos, sendo eventualmente dolorosos e desconfortáveis. Mas Deus, que não pode ser afetado por nenhum ser externo, que não percebe por meio dos sentidos e que possui uma vontade independente e absoluta, que não pode ser contrariado ou resistido por nada, também não pode ser afetado por nenhuma sensação seja ela de dor ou prazer.

Já quando Berkeley diz apelar ao senso comum dos homens em favor da verdade de sua filosofia, ele se refere ao fato de que ao questionar uma pessoa de senso comum sobre a comprovação da existência de algum objeto a resposta será sempre a mesma: o fato de o perceber e sentir. Quando questionada a respeito da inexistência do objeto, o mesmo argumento será válido: o fato de não o perceber e não o sentir. A isso já discutiremos nos capítulos anteriores, o que pode ser percebido é uma ideia, e não podem existir ideias que não podem ser percebidas. Afinal as ideias existem fora das mentes particulares e finitas, para isso, também existem na mente infinita de Deus, que pode compreendê-las. Não vamos nos alongar sobre o assunto. Porém, a questão entre Berkeley e os materialistas gira em torno das ideias e se elas possuem uma existência absoluta, diversa de serem percebidas por Deus e exterior às outras mentes.

As ideias formadas pela imaginação, ao contrário das ideias percebidas pelos sentidos, são fracas e indistintas e possuem uma completa dependência da vontade. As ideias percebidas pelos sentidos, as coisas reais, são mais claras e vívidas, visto que são impressas na mente por um espírito diferente dos espíritos de mentes particulares e finitas, independentes da vontade. Por esse motivo, não há perigo de confundir umas com as outras. Tampouco as visões de sonhos podem ser confundidas com outras ideias, por serem vagas, confusas e irregulares, além de não estarem conectadas e serem incoerentes com situações que já ocorreram ou futuramente ocorreriam, ou seja, podem ser facilmente diferenciadas.

Berkeley utiliza a palavra ideia como conceito chave, considerando implícita a ela uma relação necessária entre o objeto e a mente. E daí em diante, utilizada pelos filósofos para representar objetos que são imediatos ao entendimento humano. E, em seu sentido, carrega o significado de que existem somente coisas que podem ser percebidas e perceptivas, se não nas mentes humanas finitas, na mente de Deus.

Phil. [...] Mas, por mais estranho que a proposição possa soar em palavras, ela nada inclui de tão estranho ou chocante em seu sentido, o qual na verdade consiste em nada mais do que isto: que há somente coisas perceptivas e coisas percebidas; ou que todo ser não pensante é necessariamente, e por causa da própria natureza da existência, percebido por alguma mente, se não por uma mente finita criada, certamente pela mente infinita de Deus, em quem *vivemos, nos movemos e existimos*. [...]. (BERKELEY, 2008, p. 275)

Pelas leis da natureza, o ser humano é afetado por alteração nas partes nervosas do corpo sensível. Esse corpo sensível é um complexo de ideias que não tem existência distinta a de ser percebido por uma mente. Dessa forma, a conexão de sensações com movimentos corpóreos significa a correspondência na ordem da natureza entre as coisas imediatamente perceptíveis. Enquanto isso, Deus é um espírito puro e livre dos vínculos naturais e nenhum movimento corpóreo é ligado às sensações de dor ou prazer em Sua mente. Conhecer tudo que é cognoscível é parte de Sua perfeição; sofrer, experimentar ou sentir qualquer coisa por meio dos sentidos é propriedade dos seres finitos, visto que se enquadra em imperfeição. A perfeição é uma propriedade de Deus, e Ele é responsável por suas ideias perfeitas, mas elas não são comunicadas a Ele pelos sentidos, como são as dos seres humanos.

Tendo em vista que o Deus em questão é um ser inextenso e ativo e que Ele é o responsável pelas ideias nas mentes dos espíritos finitos, não podemos atribuir-lhe o conceito de matéria, visto que a matéria não é pensante e, logo, não produz ideias. De fato, os seres humanos são afetados de fora, pelas ideias da mente de Deus, ou seja, os poderes dela estão

fora, num ser diferente. A partir dos efeitos produzidos, que podem ser observados, conclui-se que existe ação, e, por conta dessas ações, volição (poder de escolha), conseqüentemente deve existir a vontade. Assim, as coisas percebidas têm existência fora da mente, enquanto ideias, pois não podem existir onde não há entendimento. Conclui-se então que existe um entendimento. Vontade e entendimento constituem, estritamente, uma mente ou espírito. Dessa forma, a causa poderosa das ideias é, no sentido mais estrito e próprio da palavra, um espírito.

Em outras palavras, com base na observação dos efeitos das ideias, é possível deduzir a existência de um espírito, ou mente divina, que é a causa das ideias. Essa mente divina que possui vontade e entendimento, é caracterizada como um espírito. Assim, é inferida a existência de um entendimento a partir das ideias observadas e também os efeitos por elas produzidos.

Phil. Gostaria que nossas opiniões fossem expostas e submetidas imparcialmente ao juízo dos homens que mantivessem um simples senso comum sem os preconceitos de uma educação letrada. Deixe-me ser apresentado como aquele que confia em seus sentidos, que pensa conhecer as coisas que vê e sente, e que nutre dúvidas sobre sua existência, e você demonstre razoavelmente todas as suas dúvidas, seus paradoxos e seu ceticismo sobre você, e estarei disposto a concordar com o que alguém imparcial determinar. Que não há nenhuma substância na qual as ideias possam existir além do espírito é para mim evidente. E, que os objetos imediatamente percebidos são ideias, todos concordamos. E, que as qualidades sensíveis são objetos imediatamente percebidos, ninguém pode negar. Portanto, é evidente que não pode haver nenhum *substratum* de tais qualidades senão o espírito, no qual elas existem, não como modo ou propriedade, mas como uma coisa percebida naquilo que percebe. Nego, portanto, que haja qualquer *substratum* não pensante dos objetos dos sentidos e, nessa acepção, que exista qualquer substância material. Mas se por *substratum material* significar somente corpo sensível, aquele que é visto e sentido (e me atrevo a dizer que todos os homens não filósofos não entendem outra coisa), então estou mais seguro da existência da matéria do que você ou qualquer outro filósofo pretende estar. Se há alguma coisa que faz a maioria dos homens ser avessa às noções que sustento, é o equívoco de dizer que nego a realidade das coisas sensíveis. Mas como é você, e não eu, o culpado por isso, segue-se que na verdade sua aversão é contra as suas noções, não contra as minhas. Afirmo, por conseguinte, que estou tão certo de que existem corpos ou substâncias materiais (querendo dizer as coisas que percebo por meio de meus sentidos) quanto de minha existência, e que, admitindo isso, a maioria dos homens não pensará sobre nem se ocupará com o destino dessas naturezas desconhecidas, nem dessas essências filosóficas das quais algumas pessoas tanto gostam. (BERKELEY, 2008, 277 – 279)

Para Berkeley, os espíritos finitos não se enganam quanto às ideias que realmente percebem, e sim sobre as inferências a partir de suas percepções. Porém, dependendo da distância de um objeto ele pode parecer menor do que realmente é, tanto quanto a imagem de um objeto submerso em água. Por exemplo, quando um corpo está parcialmente dentro da água, ele reflete aos seus observadores uma imagem torta e isso é um fato. Contudo, não se

pode concluir a partir disso que as partes do corpo imersas na água continuarão refletindo essa imagem ao serem retiradas da água, ou que isso poderá de certa forma afetar os sentidos do observador ou o corpo em questão. O erro não está na percepção imediata do objeto, mas no juízo que pode ser feito no tocante às suas ideias, que está diretamente ligado com a percepção imediata. É a mesma coisa que dizer que não podemos perceber o movimento da Terra enquanto ela gira, mas seria errado concluir que estar a uma distância maior dela (comparada à distância em que estamos agora) e dos outros planetas não seria suficiente para observar seu movimento.

Vejam a narrativa da Criação das Escrituras e as observações das criações de Deus, feitas por Moisés, como por exemplo as menções das características do planeta, o Sol, a Lua, a Terra, o mar, as estrelas, plantas e animais. Quanto a isso, Hylas questiona se Moisés se referia a uma Criação de ideias e obtém sua resposta por parte de Philonous: “Não duvido que essas coisas realmente existam e foram, no início, criadas por Deus” (idem BERKELEY, 2008, p. 299). Contudo, não são mencionadas substâncias corpóreas sólidas, e ainda que tenha ocorrido tanto por parte de Moisés ou de qualquer outro escritor, deveria ser investigado se essas palavras foram tomadas em sua acepção comum por coisas que são objetos dos sentidos ou por essência desconhecida e absoluta, antes de qualquer conclusão.

Berkeley acredita na narrativa mosaica da Criação e defende que os espíritos presentes viram coisas sendo produzidas em seres, tornando-se perceptíveis conforme a ordem descrita na escritura. Dizer que as coisas começam e terminam sua existência — pois existiram antes e continuarão existindo após nascimentos e óbitos particulares humanos — não é equivalente a dizer que isso concerne a Deus, senão no tocante às Suas criaturas, pois todos os objetos são conhecidos eternamente na mente de Deus. Logo, Deus é responsável pelas ideias que os espíritos finitos percebem, e que existem em Sua mente, mas não se pode atribuir a Ele o fim de alguma existência. Ao ler a narrativa mosaica da Criação, pode-se compreender que as diversas partes do mundo foram se tornando gradativamente perceptíveis aos espíritos finitos, que possuem faculdades apropriadas de forma que qualquer um que estivesse presente as percebesse de fato. E é dessa forma que o autor imagina⁹ a maneira como a narrativa e o mundo se constituíram.

⁹Termo utilizado por Berkeley ao dizer, por meio de Philonous, que se imagina no momento da criação, *Três diálogos entre Hylas e Philonous*, BERKELEY, 2008, p. 301

Nessa linha de raciocínio, Berkeley considera que os seres criados podem começar a existir em mentes inteligentes, como a mente de Deus e mentes humanas. Dessa forma, não é possível provar contradições entre os registros elaborados por Moisés e a filosofia berkeleyana, a “menos que se possa provar que não havia nenhuma outra ordem de espíritos finitos criados existentes antes do homem” (BERKELEY, 2008, p.302). Ainda dentro dessa discussão, ao conceber a Criação como se deve, ou seja, uma grande quantidade de plantas e vegetais variados sendo produzidos por um poder invisível no deserto, onde não havia ninguém, percebe-se que se trata de uma explicação que é compatível com as noções do autor, pois, redefine a criação em termos de percepção e experiência mental, enquanto Deus desempenha um papel fundamental, criando e mantendo todas as coisas que existem como ideias percebidas em mentes conscientes. Além disso, se trata de uma explicação que condiz com as noções comuns, naturais e puras dos seres humanos.

A grande questão é a de que Deus conhece todas as coisas desde o princípio e, conseqüentemente, elas sempre existiram no intelecto divino. Assim, nada é novo, nem começa a ser, com relação a Sua mente. Em relação à Criação, não se pode compreender que ela se deu totalmente em relação aos seres humanos, de forma que as coisas, no que corresponde aos espíritos finitos, podem ser consideradas como tendo começado quando Deus declarou que elas deveriam ser perceptíveis aos humanos. E isso de acordo com a ordem e maneira estabelecidas por Ele e que os seres humanos hoje compreendem por leis da natureza. Enquanto essa realidade fornecer o sentido mais literal da história mosaica da Criação, ou enquanto atender aos fins religiosos das escrituras, e enquanto não for possível atribuir a isso outro sentido, não se pode refutar essa noção, segundo Berkeley.

A definição de Deus apresentada pelo autor faz jus a um ser de perfeições ilimitadas e transcendentas. Desta forma, Sua natureza é incompreensível aos espíritos finitos, e não se pode esperar de um ser humano, defenda ele o materialismo ou o imaterialismo, que este possua noções exatas e justas sobre algo que ele sequer pode compreender, como é o caso da Divindade, os atributos Dele e Seu modo de operar.

Phill. [...] Para eliminar qualquer escrúpulo possível nesse caso, considere o seguinte: ou você não consegue conceber a Criação ou uma hipótese que seja e, sendo assim, não há fundamento para que não goste da opinião particular ou alegre algo contra ela por esse motivo; ou você consegue concebê-la e, nesse caso, por que não com base em meus princípios, uma vez que, desse modo, nada concebível é eliminado? Foi permitido a você, o tempo todo, valer-se do alcance dos sentidos, da imaginação e da razão. Portanto, o que quer que tenha apreendido anteriormente – seja imediata ou mediatamente, por intermédio dos seus sentidos ou pelo raciocínio a partir dos seus sentidos –, o que tiver conseguido perceber, imaginar ou entender,

permanece com você. Se a opinião, pois, que você tem da Criação segundo outros princípios for inteligível, ela o é também segundo os meus; mas se não for inteligível, penso que ela não é uma noção em absoluto e, portanto, não se perde nada. E, de fato, parece-me muito claro que a suposição da matéria, ou seja, de uma coisa perfeitamente desconhecida e inconcebível, não pode servir para nos fazer conceber qualquer coisa [...]. (BERKELEY, 2008, p. 306)

Compreende-se que quando Moisés falou das ervas, terra, água e outras coisas sensíveis, tendo sido criadas por Deus, faz com que as palavras utilizadas para significar os objetos sensíveis são sugeridas a qualquer leitor não filósofo. Isso significa que palavras como “terra” ou “água” possuem um significado ligado a experiências sensoriais e ideias, sendo assim símbolos que representam ideias nas mentes e quando lidas ou ouvidas, elas evocam imagens mentais e ideias associadas a esses objetos sensíveis. Ou seja, de acordo com essa teoria, a Criação não se tratou de coisas sensíveis, que têm somente uma existência relativa, mas de naturezas desconhecidas, que possuem uma existência absoluta, na qual a Criação poderia acabar. Para Berkeley, os materialistas acabam com o sentido claro e óbvio de Moisés, pois no lugar deste, oferecem uma explicação de algo igualmente ininteligível tanto para si quanto aos outros.

Além disso, a noção de existência absoluta é extremamente vazia, pois se trata de algo tão abstrato e ininteligível que não se pode conceber, menos ainda explicar algo por meio dela. Admitindo a existência da matéria e que a noção de existência absoluta seja óbvia e clara, isso não faz da Criação algo mais crível. Também não forneceu a ateus ou infieis argumentos plausíveis contra a Criação. Uma substância corpórea, que possui existência absoluta fora da mente dos espíritos e é produzida do nada pela vontade de qualquer Espírito, é vista como algo contrário a qualquer razão, é algo absurdo e impossível. Considerar todo esse conjunto de pontos leva à conclusão de que o materialismo não predispõe as pessoas a crerem na Criação das coisas.

Para Berkeley, quando um humano se inclina para o lado da questão sem saber o porque, como é o caso de Hylas, que possui uma posição inclinada ao materialismo e contrapõe os argumentos utilizados por Philonous, ele claramente está sob efeito de preconceitos enraizados que acompanham as noções mais antigas. E isso ocorre devido ao fato de que a crença na matéria tem uma grande vantagem entre as pessoas de educação culta. Admitir a eficiência de uma mente totalmente perfeita nos leva a compreender todos os efeitos da natureza, uma vez que Deus é a causa de todas as percepções e ideias, além de garantir e manter a ordem e a consistência da realidade. A realidade das coisas reside nas

ideias, que tem uma existência real na mente de Deus e nas mentes humanas, percebidas de maneira consistente e previsível. Tratam-se de coisas de ordem divina, percebidas de acordo com as circunstâncias e a perspectiva individual, que mantêm estabilidade, graças a ordem divina de Deus. Nisto está contida toda a constância e verdade das coisas, tornando possível diferenciar coisas reais de imaginações irregulares.

A crença na matéria bagunçou desde a ciência até os preceitos morais. Para Berkeley, se trata de algo desconhecido, privado de qualquer qualidade sensível, o que torna impossível apreender essa substância pela mente. O conceito de matéria também não possui características como textura, sons, cor, cheiro ou sabor, todas as coisas pontuadas pela teoria berkeleyana como existentes. Ainda que o autor negue que as coisas sensíveis tenham uma existência distinta de ser percebidas e não possam existir fora de qualquer mente, elas existem no mundo devido aos espíritos finitos, que por sua vez existem devido a mente divina.

O trabalho de Philonous é provar para Hylas que o imaterialismo oferece uma tese mais completa das noções de mundo, e por fim, Hylas concorda com ele, apesar de ainda sentir estranheza em relação a essa tese.

CONCLUSÃO

Acompanhando todo o desenrolar da filosofia de Berkeley, no que diz respeito especificamente aos *Três diálogos entre Hylas e Philonous*, se faz necessário pontuar os pontos importantes presentes nessa obra. Sabemos que um dos principais alvos de Berkeley foi Locke, sua crença na matéria e a teoria dualista das qualidades primárias e secundárias. Além disso, os pontos importantes que ganharam ênfase nos diálogos foi a existência de Deus, a linguagem, e por fim, como esses três pilares se relacionam.

O imaterialismo foi um dos primeiros pontos abordados por Berkeley nos três diálogos. O filósofo compreende que como as ideias abstratas não podem ser formadas, e elas também não recebem o auxílio do intelecto puro. As figuras e extensões, por sua vez, são percebidas pelos sentidos e não pertencem ao intelecto. Isso torna impossível separar ideias como extensão e movimento das qualidades secundárias. Necessariamente, onde uma está a outra também está, o que significa que os argumentos utilizados para provar a inexistência das qualidades secundárias também serve para as primárias.

As ideias são completamente passivas e inertes, sendo parte da essência e substância de Deus, que, por sua vez, é ativo, puro, impassível e indivisível. Dessa forma, Berkeley desaprova qualquer ideia abstrata geral por acreditar que o mundo é conhecido por percepções individuais e imediatas, a realidade consiste apenas em ideias percebidas pela mente. Além disso, desacredita num mundo externo e absoluto, defendendo que o mundo é conhecido por suas ideias. Nesse caso, consideramos os parâmetros humanos do que é o mundo, a partir das experiências sensíveis dos espíritos e tendo as ideias na mente de Deus como plano de fundo deste cenário. Esse mundo imaterial, defendido pelo filósofo, é uma realidade divina, causada pela mente de um ser infinito e complexo e projetada para os espíritos finitos através de suas mentes. Disso se conclui que nada pode existir a menos que uma mente exista.

É inadmissível acreditar que Deus, um ser perfeito, infinito, onisciente e onipresente, possa ser controlado por uma substância inerte e não pensante como a matéria. A matéria faz parte do intelecto de Deus. Isso porque, para Berkeley, a chamada “matéria” faz parte das ideias que compõe a realidade e sua existência depende da mente de Deus, além de também estar presente na realidade do espírito. Dessa forma, como a realidade do espírito está diretamente ligada à mente divina, a matéria não pode ser compreendida pelos espíritos, visto que estes são finitos enquanto as percepções de Deus são inconcebíveis aos seres humanos. E

considerando todas essas informações, é possível para Deus compreender a finitude dos espíritos, mas o contrário não é possível. Considerar a existência da matéria evidencia que o ser humano não consegue compreender a infinitude devido a sua condição finita.

Berkeley se põe à classe das pessoas comuns, pois acredita nos próprios sentidos. E assim, sustenta que as coisas reais são as mesmas coisas que podem ser vistas, sentidas e percebidas. Passando por esses três filtros, nós chegamos até coisas conhecidas, que correspondem a todas as necessidades e propósitos da vida. A questão da existência de Deus está relacionada à crítica ao materialismo, visto que a existência de Deus seria a solução para a questão da existência e causalidade das percepções. Isso porque é inadmissível para o autor qualquer que seja a premissa que tire de Deus a autonomia e superioridade em relação aos espíritos finitos.

Os espíritos podem conhecer os objetos através dos sentidos, que percebem coisas imediatamente. Coisas percebidas imediatamente são ideias e ideias não podem existir fora da mente. Logo, os objetos são ideias na mente de Deus, que é um ser infinito e perfeito, Ele às percebe e cria enquanto os seres humanos, que por sua vez são seres finitos e imperfeitos, não podem compreender sua grandeza, infinitude e perfeição, dadas as suas faculdades limitadas. Por isso se torna tão ofensivo questionar a existência dos objetos, visto que questioná-la é equivalente a questionar também a existência de Deus.

Segundo Berkeley, existe um Deus, ao qual ele atribui o nome de mente onipresente. Essa mente possui ideias que não podem ser acessadas pelas mentes finitas, que não estão aptas a compreender a existência desse ser superior (devido à sua infinitude). Logo, as ideias que as mentes finitas possuem são isentas de matéria, nós interagimos com elas através dos sentidos, além disso comemos, vemos, sentimos e as conhecemos. Essas ideias são reais, entretanto não possuem existência fora de qualquer mente finita, elas são ideias presentes na mente de Deus, que as projeta aos olhos humanos, de certa forma, e que são compreendidas pelos seres humanos como a realidade. As pessoas comuns não questionam a existência das coisas sensíveis.

No tocante a Deus, Ele de fato conhece e compreende todas as coisas, entre elas a dor e o que ela significa a todas as Suas criaturas. Porém, ainda que Ele conheça a dor, Ele não pode experimentá-la. Os seres humanos, por serem limitados e dependentes, estão sujeitos às impressões dos sentidos e às ações de um agente externo, o que por vezes são produzidos

contra a vontade dos seres humanos, sendo eventualmente dolorosos e desconfortáveis. Mas Deus não pode ser afetado por nenhuma sensação seja ela de dor ou prazer.

Desta forma, defender a confiança nos próprios sentidos é defender o senso comum. E que são de fato as experiências sensíveis que agregam o conhecimento dos seres humanos, sem uma realidade além daquela que se conhece. Além disso, defender a confiança nos próprios sentidos e no senso comum é equivalente a defender a base do conhecimento humano que é enraizado nas experiências sensíveis e percepções individuais. As experiências sensíveis são a única realidade conhecida e não requer uma realidade além daquela percebida diretamente. Assim, Berkeley defendeu que as percepções são a base sólida sobre a qual o entendimento humano é construído.

Os seres humanos combinam as ideias que apreendem pelos sentidos, ou pelo mesmo sentido em momentos ou circunstâncias diferentes. Seja com respeito à coexistência ou sucessão, todos os objetos do entendimento humano possuem um conceito, logo, se tornam uma coisa. Por isso, quando os objetos vistos a olho nu são observados por meio de um microscópio, a intenção não é criar um conceito, menos ainda perceber de forma mais clara o que antes fora percebido a olho nu. O objetivo é somente saber quais ideias estão conectadas, e quanto mais o ser humano sabe sobre a conexão de ideias, mais ele sabe sobre a natureza das coisas

Assim, não importa se nossas ideias são variáveis, se nossos sentidos não são afetados pelas mesmas aparências. Tampouco se pode concluir disso que os sentidos não são confiáveis, inconsistentes com eles mesmos ou qualquer outra coisa que não seja a noção preconcebida de matéria significada por algum conceito. Essa discussão parece surgir de uma má interpretação dos seres humanos, a respeito da linguagem, falando de várias ideias diferentes sendo unidas pela mente. E os filósofos, a partir disso, constroem suas filosofias mais sobre palavras, formadas por pura conveniência e comunicação comum, do que sobre noções.

Embora o termo “ideia” compreenda objetos imediatos ao entendimento ou coisas sensíveis que não podem existir fora da mente, vale considerar que o termo utilizado pouco importa visto que se ele for mantido ou rejeitado, o sentido, a verdade, e a realidade das coisas permanecerá igual. Na linguagem ordinária, os objetos dos sentidos humanos não se chamam ideias, mas sim coisas, e contanto que não lhes seja atribuída uma existência externa e absoluta a palavra utilizada é indiferente.

A crença na matéria bagunçou desde a ciência até os preceitos morais, pois a crença na matéria como substância independente nos leva a problemas filosóficos. Ora, se a matéria fosse a causa de tudo, não seria possível explicar as causas das percepções e ideias. Além disso, se trata de algo desconhecido, privado de qualquer qualidade sensível, o que torna impossível apreender essa substância pela mente. Ainda que o autor negue que as coisas sensíveis tenham uma existência distinta de ser percebidas e não possam existir fora de qualquer mente, elas existem no mundo devido aos espíritos finitos, que por sua vez existem devido a mente Divina.

Por fim, Hylas, a quem Philonous se refere como materialista, aceita que a argumentação sobre a inexistência da matéria se faz razoável. Apesar disso, Philonous não deixou de se referir a este como materialista até o final dos Diálogos.

Os conceitos explorados nesse Trabalho de Conclusão de Curso abriram possibilidades para analisar de forma mais detalhada pontos que são imprescindíveis à filosofia de Berkeley, os quais tenho a intenção de desenvolver em uma pesquisa futura, me restringindo nesse momento a um panorama da grande obra deste incrível autor. Apesar das grandes discussões que se ocupam das teses berkeleyanas, esse autor marcou eternamente o campo da ciência, da história e da filosofia em geral, dadas as discussões que surgiram através de sua tese, contribuindo para o estudo da física, da óptica, da epistemologia e da metafísica, além da filosofia de outros autores que mais tarde o estudaram.

REFERÊNCIAS

- BERKELEY, George. **Obras filosóficas**, Fundação Editora UNESP, São Paulo, 2008
- BERKELEY, George. **Os pensadores: Berkeley Hume**, Abril Cultural, São Paulo, 3ª ed., 1984
- CONTE, Jaimir. **Berkeley e o Ceticismo**, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Dissertação de Mestrado em Filosofia, Florianópolis, 1999
- DOWNING, Lisa. **George Berkeley**, Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2011. Tradução por Jaimir Conte (disponível em <https://conte.prof.ufsc.br/txt-traducoes2/>)
- FLAGE, Daniel E. **George Berkeley (1685 – 1753)**, The Internet Encyclopedia of Philosophy, 2004. Tradução por Jaimir Conte (disponível em <https://conte.prof.ufsc.br/txt-traducoes2/>)
- MENDES, Fábio C. R. **O IMATERIALISMO DE GEORGE BERKELEY: O REALISMO NO “ESSE É PERCIPI”**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Porto Alegre, 2007
- URMSON, J. O. **Berkeley**, Oxford University Press, 1982. Tradução por Jaimir Conte, Florianópolis, 2011 – Versão provisória